

CINZAS DE HIROXIMA

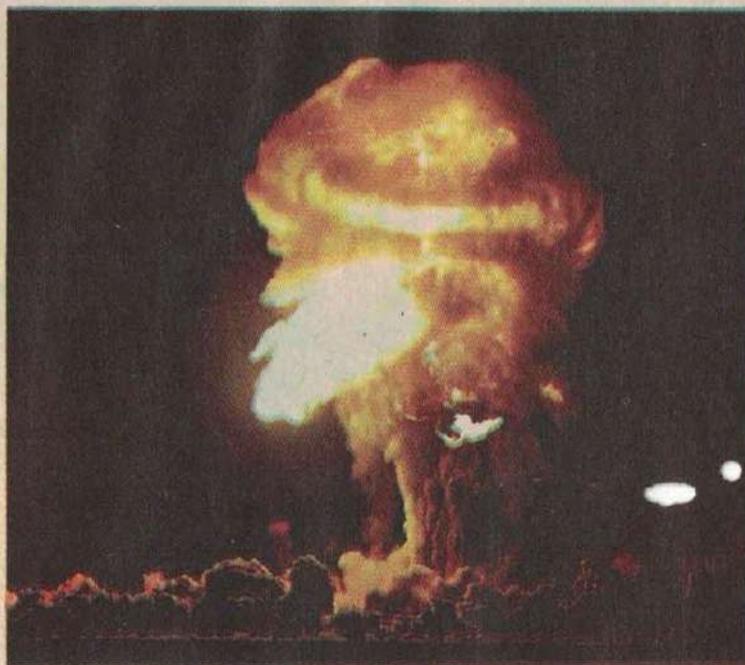
*Condensação do livro**

FLETCHER KNEBEL E CHARLES W. BAILEY II

Ler este livro é converter-se em testemunha dos derradeiros dias da Segunda Guerra Mundial no Pacífico e do nascimento da era atômica.

Nêle desfilam, num caleidoscópio, as atividades portentosas e altamente secretas do verão de 1945: a explosão da primeira bomba atômica; o aprestamento das forças dos Estados Unidos para o assalto final ao Japão; a luta oculta por trás dos bastidores entre o Imperador japonês e seus chefes militares; as frustradas tentativas nipônicas para persuadir os russos a negociarem a paz; a Conferência de Potsdam; a agonia da decisão sobre o lançamento da bomba . . . e o inolvidável relato do que se passou em Hiroxima, a primeira cidade do mundo a experimentar a morte atômica.

Foram dias que encerraram uma era e inauguraram outra. Este é um livro que ilumina o passado e derrama luz sobre a nossa própria época. "A narrativa mais interessante já escrita sobre o mais estupendo acontecimento do século", diz a propósito o Suplemento Literário do Times de Nova York.



CINZAS DE HIROXIMA

EM UMA plantação de rabanetes nos arredores de Tóquio, uma equipe de operadores peritos da Marinha nipônica mantinha vigilância ininterrupta numa sala apinhada de 181 poderosos receptores de rádio. Membros do Corpo de Comunicações Yamatoda, êles eram encarregados de detectar e registrar todos os sinais de rádio oriundos de transmissores norte-americanos. De manhã cedo, no dia 6 de agosto, os homens que traba-

lhavam no turno da noite pegaram um sinal de chamada que tinham ouvido pela primeira vez quase três semanas atrás. Os monitores haviam-no localizado como procedente da Ilha Tinian, e, como fôra ouvido diariamente no fim de julho, tinham-lhe dado o nome de "Companhia Nova Missão", para a rapidez de referência. Os criptógrafos de Tóquio não tinham conseguido desvendar o código, mas os monitores japoneses aprenderam a identificá-lo, como ocorre com radioamadores treinados,

* "No High Ground", copyright, 1960, dos autores.
Editado por Harper & Brothers, Nova York 16, N.Y., E.U.A.

pela batida individual do operador americano em sua tecla Morse.

Então o sinal saiu novamente do ar. Para os japoneses era apenas mais um tópico a ser registrado e comunicado. Não sabiam que a "Companhia Nova Missão" era o altamente secreto 509.º Grupo de Bombardeio, cuja missão final seria terminar a guerra lançando a primeira bomba atômica.

ENQUANTO isso, homens em Pearl Harbor, Guam e Manilha estavam dando os retoques finais em um plano denominado Olympic. Deveria ser o primeiro assalto ao Japão e visava a capturar a porção meridional de Quiú-Siú, de maneira que seus aeródromos e ancoradouros pudessem ser utilizados para apoiar um ataque final a Tóquio alguns meses mais tarde.

O Olympic estava em andamento. Os pormenores constavam de um documento de operações ultra-secreto, de 400 páginas dactilografadas com espaço um. Quarenta e dois navios-aeródromos tomariam parte, proporcionando apoio aéreo; 24 encouraçados estariam presentes para o bombardeio; 212 contratorpedeiros e 183 contratorpedeiros de escolta protegeriam a frota e proporcionariam fogo de apoio direto às tropas de assalto. Seis divisões de infantaria desembarcariam no Dia-D, seguidas de três outras no Dia-D mais dois. Quatro outras permaneceriam em reserva. Ao todo, seriam empenhados 750.000 homens.

O Anexo de Informação ao plano

era provisório, devendo ser revisto ao aproximar-se o Dia-D. Contudo, havia informes bastantes nessa primeira estimativa:

São escassos os informes atuais acêrca das defesas de praia do inimigo na parte meridional de Quiú-Siú, mas sabe-se que foi dada prioridade máxima aos preparativos para a defesa. As informações recentes indicam considerável atividade de posições de artilharia pesada. É provável que defesas fixas cubram tôdas as praias projetadas para o desembarque; foram lançados campos de minas.

As planícies que rodeiam as praias de desembarque são fechadas por morros escarpados, que estão sendo densamente fortificados pelo inimigo. Com tôda probabilidade se encontrarão, em tôda a área, defesas bem organizadas em cavernas e táticas do tipo com que nos defrontamos em Okinawa . . .

Um em cada três soldados norte-americanos que tinham combatido em Okinawa estava morto, ferido ou desaparecido.

O Tique-Taque do Relógio

TINHA havido tentativas de negociação, mas em 6 de agosto de 1945 o prazo esgotara-se. O gabinete japonês tivera esperanças de convencer a Rússia, ainda neutra na guerra do Pacífico, a agir como intermediária para conseguir um acôrdo de paz. O Ministro do Exterior do Japão, Shigenori Togo, já ordenara ao

seu embaixador em Moscou, Naotake Sato, que apresentasse a questão ao Ministro do Exterior soviético Vyacheslav M. Molotov e obtivesse permissão para que um enviado especial do Imperador fôsse à capital russa.

Sato era um diplomata de carreira, bem treinado e experimentado. Da Embaixada em Moscou êle podia ver claramente a situação desesperadora de seu país. Em 1.º de julho aconselhara seu govêrno a concluir a guerra da maneira que fôsse possível. Observou com rudeza que o Japão, nessa altura sozinho e sem amigos, não podia recorrer a ninguém em busca de ajuda ou solidariedade. A aceitação de quaisquer condições—inclusive mesmo a rendição incondicional—parecia a Sato a única maneira de preservar o Imperador e a estrutura da nação.

O conselho de Sato era judicioso, conforme Togo e o Primeiro-Ministro Kantaro Suzuki sabiam muito bem. Mas êles também sabiam o que Sato, há muito afastado da pátria, não podia saber: ao mesmo tempo em que o Japão era dilacerado pelas bombas e pelo fogo naval dos americanos, sofria também uma terrível luta intestina.

Desde o dia em que assumira o cargo, em abril de 1945, Suzuki vinha tentando arranjar um meio de pôr têrmo à guerra. Nesse esforço contava com o apoio de outros dois membros do Supremo Conselho de Guerra, o “gabinete interno” que realmente dirigia a nação. Êsses eram

Togo e o Ministro da Marinha, Yonai. Mas o Ministro da Guerra, Anami, e os chefes dos estados-maiores do Exército e da Marinha queriam continuar lutando. Havia, portanto, um empate de três a três no Conselho.

O Imperador Hirohito desejava pôr fim à guerra; e de fato vinha desde fevereiro sondando a êsse respeito os mais veneráveis estadistas da nação.

O Imperador, porém, apesar de divinizado pelos súditos, não dispunha realmente de poder político sólido. Êle podia exercer influência sobre chefes isolados, mas não podia ditar uma política ao Conselho.

Em 18 de junho apareceu uma pequena brecha nesse impasse: o Conselho concordou em propor, por intermédio de nações neutras, que se fizesse uma tentativa para negociar a paz. Dificilmente se poderia dar a isso o nome de uma decisão de render-se, mas já era um comêço.

Naquele mesmo dia, em Washington, o conselho íntimo de consultores de guerra do Presidente Truman também estêve reunido, mas com objetivo completamente diferente. No fim, o Presidente colocou sua chancela aprovando o Plano Olympic. A invasão do Japão metropolitano foi programada para novembro.

A guerra, no entanto, não era o único assunto na agenda de Harry Truman para o dia 18 de junho. Nos Estados Unidos, assim como no Japão, prosseguia a procura da paz enquanto ambos os contendores se

preparavam para a batalha final. Naquele dia Joseph C. Grew, Sub-secretário de Estado, conversou em particular com o Presidente. Êle insistiu com Truman em que se desse ao Japão uma oportunidade de conservar seu Imperador em caso de capitulação, alegando que um oferecimento dêsses facilitaria enormemente a rendição.

Grew sugeriu ao Presidente que fizesse uma declaração exigindo a rendição dos nipônicos, mas deixando aberta a possibilidade de se permitir ao Imperador continuar no poder. (Esta proposta também mereceu o apoio do Secretário da Guerra, Harry L. Stimson.) Truman disse a Grew que gostava da idéia, mas que desejava esperar até poder conversar com os Aliados em Potsdam. Pediu a Grew que incluísse o tema na pauta da Conferência dos Três Grandes.

Enquanto isso, no Japão, as coisas estavam finalmente andando. No dia seguinte àquele em que o Supremo Conselho voltou atrás em sua resolução de 18 de junho, Togo pediu ao ex-Primeiro-Ministro Koki Hirota que procurasse o Embaixador soviético Jacob Malik, num esforço para persuadir a Rússia a agir como intermediária nas conversações de paz. Duas vezes em uma semana, a 24 e 29 de junho, Hirota se avistou com Malik. Não recebeu nenhum encorajamento do taciturno russo; quando tentou um terceiro encontro, disseram-lhe que o Embaixador estava doente.

Nessa altura o relógio estava batendo mais depressa. O govêrno de Suzuki não sabia o pouco que restava. Em 24 de julho, em Potsdam, o Secretário Stimson conferenciou com Truman durante 15 minutos. Êle ouvira, de James Byrnes, Secretário de Estado, que se decidira não mencionar claramente o Imperador no ultimato aprovado por Truman e Churchill. A declaração se limitaria a dizer que a forma final do govêrno do Japão seria deixada a critério do povo japonês.

Um dia depois, em 25 de julho, na decisão mais séria que teve de tomar, como Presidente, Harry S. Truman aprovou uma ordem para ser usada a bomba atômica se os japoneses recusassem o ultimato de Potsdam. Essa ordem foi redigida em Washington e, a seguir, levada de avião através do Pacífico até à Ilha Tinian.

Em 26 de julho, os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, com a China também assinando e a Rússia como espectadora, mas de pleno acôrdo, divulgou-se a Declaração de Potsdam.

Houve imediata preocupação no Japão, conforme Stimson e Grew tinham prevenido. O ultimato não mencionava a futura condição do Imperador. O Supremo Conselho de Guerra e o gabinete não podiam aceitá-lo como estava redigido. O gabinete, após longa discussão, decidiu não responder, mas desprezar, ou *mokusatsu* (literalmente, "matar com silêncio") o ultimato.

Truman recebeu esta notícia pouco depois de Stalin ter-lhe dito que as propostas japonesas de mediação ainda eram consideradas pelos soviéticos como “demasiadamente vagas” para serem levadas em conta. A atitude de Stalin, combinada com a informação de que o Japão resolvera não levar em conta o ultimato de Potsdam, deixou o Presidente convencido de que não lhe restava outra alternativa senão deixar em vigor a ordem que enviara para Tinian em 25 de julho. E naquela minúscula ilha já estavam em andamento fatos que iriam eliminar tôdas as sutilezas da diplomacia e da política com um golpe esmagador.

Os passos que conduziram a êsses acontecimentos haviam sido dados seis anos antes.

Pródromos Nucleares

EM JANEIRO de 1939 os jornais norte-americanos noticiaram que cientistas alemães tinham conseguido desintegrar o átomo. Para o iniciado era óbvio que Hitler poderia ter um dia uma arma de terríveis proporções. Leo Szilard, um húngaro notável que fugira dos laboratórios alemães quando Hitler subira ao poder, foi com um físico seu compatriota visitar Albert Einstein em sua casa de verão em Long Island. Representando um grupo de cientistas, os dois tinham a esperança de convencer Einstein de que prevenisse o Presidente Roosevelt sôbre o progresso atômico da Alemanha. Einstein não estava a par das últimas novidades

atômicas, porém sua ajuda era decisiva, não só por sua influência sôbre o Presidente, mas também por causa de sua amizade com a família real belga. (O Congo Belga era, na época, a principal fonte de minério de urânio.) Êle concordou em assinar uma carta dirigida a Roosevelt. Os dois húngaros, a seguir, conquistaram para a sua causa o financista novaiorquino Alexander Sachs, que era conselheiro não oficial do Presidente —uma espécie de Bernard Baruch de menor categoria—para que entregasse pessoalmente a carta.

Sachs levou a carta à Casa Branca em outubro de 1939, poucas semanas depois de Hitler haver mergulhado a Europa na Segunda Guerra Mundial. O Presidente Roosevelt ficou visivelmente impressionado, mas pareceu relutar em acrescentar mais um empreendimento de vulto aos inúmeros projetos novos relacionados com a defesa nacional que estavam sendo iniciados. Conseguindo arranjar um convite para o desjejum na manhã seguinte na Casa Branca, Sachs passou a noite em claro em seu quarto de hotel. Como poderia despertar e prender o interêsse do Presidente?

Quando Sachs chegou, Roosevelt estava tomando sòzinho o café da manhã em seu gabinete, no segundo andar da Casa Branca.

—Qual é a brilhante idéia que você tem hoje?—perguntou Roosevelt alegremente.

—Apenas uma história—respondeu Sachs.

Falou ao Presidente sôbre uma das oportunidades que Napoleão Bonaparte perdera. Ansioso por conquistar a Inglaterra, Napoleão virase frustrado pelas caprichosas marés do Canal da Mancha, que impediam a invasão pelos navios de vela franceses. O jovem inventor americano Robert Fulton sugeriu que a França construísse uma esquadra de navios a vapor, que poderiam vencer facilmente o Canal. Napoleão repleliu rudemente a idéia como visionária.

Como se teria modificado a história da Europa se Napoleão tivesse dado ouvidos a Robert Fulton!—exclamou Sachs. E no mundo de 1939, quem iria patrocinar os cientistas atômicos em seus primeiros esforços para descobrir uma arma de fôrça indescritível?

Enquanto ouvia, o rosto de Roosevelt abriu-se no seu largo sorriso característico. Mandou chamar o General-de-Brigada Edwin M. "Pa" Watson, seu secretário, e transmitiu-lhe os dados importantes.

—"Pa"—disse êle—isto exige ação.

O Govêrno dos Estados Unidos começara a interessar-se pela bomba atômica.

Durante dois anos a ação foi lenta (embora, nesse ínterim, Hitler estivesse conquistando a Europa e os exércitos japoneses penetrando na Indo-China). Em algumas universidades prosseguiam pesquisas atômicas sem coordenação, mas os entusiastas nucleares queixavam-se da falta de dinheiro e dos reflexos lerdos

das autoridades de Washington. Embora os cientistas atômicos encobrissem voluntariamente em sigilo o seu trabalho, o Govêrno dos Estados Unidos parecia menos interessado em protegê-lo. (Quando Enrico Fermi, italiano, detentor do Prêmio Nobel, que recentemente fugira para os Estados Unidos, construiu a primeira pilha atômica no porão de um prédio da Universidade de Colúmbia, em 1941, seus assistentes não conseguiram sequer convencer o govêrno a postar um guarda junto dela.)

Só no verão de 1941 foi constituída uma "seção de urânio" na Comissão Nacional de Pesquisas de Washington, e o govêrno só interveio no fim daquele ano. Vannevar Bush, chefe da Repartição de Pesquisa e Desenvolvimento Científico, informou o Presidente do progresso até então feito e obteve promessa de mais pessoal e fundos para o esforço. A 6 de dezembro, Bush anunciou aos seus colegas o nôvo impulso a tôda a fôrça. No dia seguinte, aviões japoneses, partindo de navios-aeródromos, bombardearam Pearl Harbor, e os Estados Unidos declararam guerra ao Eixo.

Na frente da pesquisa foi iniciado, sob rigoroso segredo, o mais prodigioso empreendimento científico-industrial-militar já conhecido pelo homem. Quinze anos depois, muitos dos que nêle desempenharam papéis destacados ainda não podiam acreditar inteiramente que aquilo acontecera mesmo.

O Fabuloso Projeto Manhattan

No FIM do verão de 1942, os Engenheiros do Distrito de Manhattan—como eram designados os construtores da bomba—haviam recebido prioridade A A A, ou seja, a máxima possível. O General-de-Brigada Leslie R. Groves, oficial de engenharia de 46 anos de idade, formado pela Academia Militar de West Point, assumiu o comando da operação em setembro e tratou—sem instrumentos, desenhos ou materiais conhecidos—de transformar uma mistura invisível de equações, teoria e fé científica em uma arma militar de valor prático. Para fazê-lo, Groves recrutou magnatas industriais como se fossem simples soldados, fez cara feia para o Congresso, não confiou em ninguém, e arrancou incríveis somas de dinheiro do Tesouro dos Estados Unidos. Dentro de algum tempo, Groves tornou-se mais controverso do que a bomba que os físicos projetaram para ele. Possuía, disse um admirador seu, “o ego mais impressionante desde Napoleão”.

A escala das operações era vertiginosa. Como ninguém sabia qual era o melhor de três diferentes processos de separar o U-235, foram iniciados todos os três. Todos eles eram caros e criavam dois novos problemas para cada solução que apresentavam. Conquanto menos de 50 quilos de material físsil fossem produzidos para as três bombas prontas no verão de 1945, em seu apogeu

as folhas de pagamento do projeto e atividades correlatas abrangeram 539.000 pessoas, o suficiente para formar 30 divisões de infantaria.

Quando uma nova usina atômica precisou de 15.000 toneladas de prata para serem usadas em enrolamentos electromagnéticos, o chefe de produção do Distrito de Manhattan indagou do Subsecretário do Tesouro, Daniel W. Bell, se poderia fornecê-las.

—Deus meu—respondeu Bell—a gente não fala de prata em *toneladas* e sim em *gramas!*

Sem embargo, a usina recebeu a prata, que foi devolvida aos depósitos subterrâneos do govêrno depois da guerra.

O Distrito de Manhattan transformou-se no cadinho da ciência norte-americana. Fanáticos nacionalistas da nova física como J. Robert Oppenheimer mesclavam-se com físicos do programa atômico inglês e com cientistas refugiados da Itália, Alemanha e Hungria. Em certos órgãos, o número de doutôres em Filosofia ultrapassava o de estenógrafas, e detentores do Prêmio Nobel marchavam em suas fileiras como simples soldados.

Poucos meses após sua instalação, Manhattan logrou um triunfo histórico. Na tarde de 2 de dezembro de 1942, numa quadra de *squash** existente sob a arquibancada do campo de futebol da Universidade de Chicago, seus cientistas produzi-

* N. da R.: Esporte muito popular nos Estados Unidos, semelhante ao tênis.

ram a primeira reação em cadeia controlada pelo homem. Sua aparelhagem era tôska, segundo os padrões em vigor, mas antes de cair a noite os físicos sabiam que o processo de fissão que haviam criado seria algum dia aplicado em uma arma de fôrça inimaginável.

Todavia, ainda existiam certos problemas práticos renitentes. Os cientistas calcularam que menos de meio quilo de U-235 (mais ou menos o tamanho de uma bola de gôlfe) liberaria energia equivalente a umas 9.000 toneladas de TNT. Porém meio quilo apenas dêsse material por si só não bastaria para sustentar uma reação em cadeia. Tinha de haver uma certa quantidade, a chamada "massa crítica" (seu valor numérico era ainda desconhecido), para que se pudesse obter uma explosão. E os cientistas tinham de conservar suficientemente separados os componentes dessa massa de maneira que se mantivesse *não crítica* até ao momento exato da detonação.

Para solucionar êstes problemas, o Projeto Manhattan construiu um laboratório da bomba num platô isolado perto de Los Álamos, no Estado do Nôvo México. Oppenheimer foi nomeado diretor científico.

Os regulamentos referentes ao sigilo, nessa instalação em que a arma pròpriamente dita estava sendo desenhada e fabricada, eram severos. Havia censura postal e telefônica, e os cientistas eram seguidos de um lado para outro quando saíam do

laboratório. As precauções em outras instalações eram só um pouco menos rigorosas. E embora a rêde de espionagem dos aliados russos houvesse furado a cortina de segurança, nenhum agente inimigo—alemão ou japonês—jamais conseguiu qualquer informação significativa sôbre a bomba atômica.

O Extravagante 509.º Grupo

ENTREMENTES, o General Groves acalentava outro projeto em outro deserto. Para garantir o transporte da bomba atômica ainda inexistente até aos alvos inimigos, 1.500 oficiais e praças foram reunidos no singular 509.º Grupo Misto, a única unidade perfeitamente versátil da Fôrça Aérea. Foi dado ao 509.º tudo o que precisava para combate e sobrevivência—transporte, material bélico, alimentação, manutenção e aviões. E todos os seus homens foram escolhidos a dedo.

Para comandá-lo foi selecionado o Coronel Paul W. Tibbets, Jr. Homem bem-parecido, de 29 anos, cabelo prêto ondulado, densas sobrancelhas e olhos um tanto tristes, Tibbets parecia tranqüilamente seguro de si. Fôra um notável pilôto de bombardeiro em combate na Europa, e havia conduzido primeiro Mark Clark, depois Eisenhower, da Inglaterra para Gibraltar quando da invasão da África do Norte.

Uma hora depois de ser designado, Tibbets sentiu-se como se tivesse sido largado em outro planêta. Foi instruído sôbre os mistérios da fissão

do átomo, sendo-lhe dito o que se esperava militarmente dêle; soube que se uma bomba A chegasse a ser produzida, talvez êle fôsse o piloto a lançar a primeira. Deveria também tomar a si o encargo de organizar o núcleo de vôo do 509.º Grupo, assim como escolher um campo de treinamento a seu gôsto.

Quando Tibbets partiu em um B-29 à procura de um campo, sua primeira parada foi em Wendover, no Estado de Utá. Não procurou mais. Wendover era um trecho vazio de deserto, cujas planícies amplas e sem vegetação e o céu brilhante o tornavam ideal para as operações estranhas que o nôvo grupo teria de praticar.

O 509.º foi diferente desde o começo. Tibbets insistia com os oficiais superiores em que mantivessem sigilo, não lhes dizendo, entretanto, o que não deveriam divulgar. As operações de vôo diferiam de tudo o que já fôra visto por aviadores. A prática de bombardeio era sempre de 9.000 metros e cada avião só lançava uma única bomba de 4.500 quilos. Dava-se destaque permanente ao bombardeio visual; isto intrigava os bombardeadores veteranos, pois dias claros para bombardeio visual tinham sido raros na guerra aérea sôbre a Europa—e seriam ainda mais raros sôbre o Japão.

As razões eram claras para os iniciados nos segredos do projeto. O treinamento com uma só bomba simulava o eventual vôo atômico,

quando uma única e preciosa bomba, valendo centenas de milhões de dólares, estaria colocada no compartimento de bombas. Nessa ocasião, a tripulação não se poderia permitir errar o alvo, e não seria possível confiar no bombardeio pelo radar.

Após lançarem suas bombas simuladas, os pilotos exercitavam-se em manobra extremamente incomum. A fim de se livrarem da rajada e evitarem as subseqüentes ondas de choque, os cientistas calculavam que qualquer avião que lançasse a bomba atômica deveria estar pelo menos a 13 quilômetros de distância quando ela explodisse, 43 segundos depois. Por isso, os pilotos faziam curvas abruptas de 158 graus e mergulhavam para ganhar velocidade. Para aliviar o mais possível os aviões, êstes eram despojados de todo o armamento, exceto as metralhadoras de calibre 50 da cauda.

O Cronograma da Bomba A

No DISTRITO de Manhattan, o frenético esfôrço para criar uma bomba A não esmoreceu nem por um instante.

Por volta de 30 de dezembro de 1944, entretanto, as coisas estavam marchando tão bem que o General Groves achou que podia divulgar seu cronograma. "A primeira bomba deve estar pronta por volta de 1.º de agosto de 1945", escreveu em um memorando ao Chefe do Estado-Maior, General George C. Marshall.

(Continua na página 159)

CINZAS DE HIROXIMA

(*Continuação da página 63*)

Como isso seria tarde demais para usar a bomba contra a Alemanha, onde o regime nazista já vacilava à beira do colapso, Groves alvitrou que o comando naval do Pacífico fôsse alertado; o 509.º Grupo precisaria de uma base de onde pudesse alcançar o Japão. O General Marshall, Stimson e Roosevelt aprovaram a idéia.

Foi escolhida Tinian, nas Ilhas Marianas.

Constituída por uma plataforma plana de rocha calcária, com aproximadamente 10 quilômetros de largura na parte central e 21 de comprimento, a ilha era um perfeito navio-aeródromo ancorado, cujas dimensões reduzidas favoreciam a manutenção do sigilo. Além disso, possuía uma rede de boas estradas construídas pelos japoneses, e seu Campo Norte, com quatro pistas de pouso, já tinha sido projetado para ser a maior base de bombardeiros do mundo.

A 5 de abril, o Departamento de Guerra norte-americano aprovou o nome-código Centerboard (Quilha Corrediza) para a missão de lançamento da bomba atômica no Japão (tendo êsse nome sido proposto por um oficial que ignorava a natureza da missão). Mais tarde, ainda em abril, o pessoal de Tibbets, que então

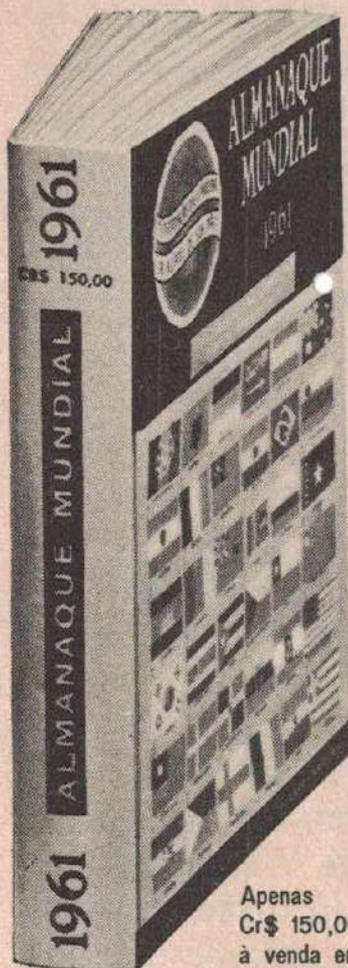
dispunha de 15 aviões B-29 aliviados, começou a mudança para além-mar.

Quase imediatamente, o 509.º tornou-se a curiosidade da ilha. A locutora do rádio japonês, apelidada pelos americanos Rosa de Tóquio, pontualmente, embora não bem ciente do que se passava, saudou a chegada do grupo pelo rádio; mas essa foi a última notícia "oficial" que as outras unidades de B-29 tiveram daquela estranha organização. A própria polícia militar do 509.º rapidamente estendeu arame farpado em torno de certas áreas e montou metralhadoras para protegê-las. Até um general tinha de mostrar o passe para poder penetrar ali.

Mas foi sobretudo o modo de voar do 509.º que fêz as outras tripulações de B-29 olharem com estranheza. Nunca Tibbets e seus homens participavam das incursões maciças ou partilhavam da emoção de contemplar depois as tarimbas vazias. Em vez disso, êles só faziam missões de avião isoladamente, bombardeando de vez em quando uma ilha ocupada pelos nipônicos, ou fazendo a viagem completa de ida e volta de quase 5.000 quilômetros até cidades japonesas, para lançarem uma única bomba de cada avião... ou pelo menos era êsse o boato que circulava

*À venda, em tôdas as bancas,
o livro que será seu mais
precioso auxiliar em 1961!*

ALMANAQUE MUNDIAL 1961



Reunindo mais de 100.000 informações em mais de 500 páginas, o Almanaque Mundial — uma verdadeira enciclopédia de bolso! — em sua edição de 1961, é o mais rápido, seguro e eficiente auxiliar com que v. poderá contar, no trabalho ou nos estudos, durante o ano inteiro!

HISTÓRIA
GEOGRAFIA
FÍSICA
ASTRONÁUTICA
POLÍTICA
COMÉRCIO
ESPORTES
AGRICULTURA
ARTES
RELIGIÃO
INDÚSTRIA
LITERATURA
QUÍMICA
ECONOMIA

Apenas
Cr\$ 150,00 —
à venda em
tôdas as bancas.

*O Almanaque Mundial vale por
uma biblioteca de consulta!*

A edição de 1961 traz as bandeiras, em cores, de 96 países... as constituições da América... e um vocabulário de termos astronáuticos.

*Adquira seu exemplar,
antes que se esgote!*

EFECÊ EDITORA S. A.

Av. Pres. Vargas, 502 - 19.º and.

no quartel-general da Brigada. Em breve, a situação destacada e privilegiada do 509.º tornou-se a queixa favorita da 20.ª Fôrça Aérea nas Marianas.

Inaugura-se a Era Atômica

O CRONOGRAMA do General Groves para o término da bomba A—1.º de agosto—mostrou-se maravilhosamente exato. O local escolhido para as provas foi um trecho de terra árida no Nôvo México, a 80 quilômetros de Alamogordo, e a hora, 5h e 30m da manhã de 16 de julho.

Nessa data inaugurou-se a era atômica com um clarão que alumiu o céu a 400 quilômetros de distância e fêz o Solo Zero brilhar com o fulgor de muitos sóis. Os homens que o fitaram diretamente, contrariando as ordens, ficaram temporariamente cegos. Uma gigantesca esfera de fogo, enfeitada com tons intensos de violeta e laranja, espalhou-se por mais de 1.500 metros. A Terra tremeu. Uma rajada de ar quente propagou-se como uma onda. A tôrre de 30 metros de altura em que a bomba se achava vaporizou-se. Em postos de observação situados a 15 quilômetros o rugido da instantânea reação em cadeia chegou muitos segundos depois. Uma coluna de fumaça branca subiu verticalmente, a seguir abriu-se em forma de cogumelo, e, finalmente, elevou-se a mais de 12.000 metros. Em todo o Sudoeste dos Estados Unidos os habitantes notaram o ribombo do trovão e o modo estranho como o Sol pareceu

subir e depois descer de novo. A quilômetros de distância, uma cega gritou que vira uma luz.

Um comunicado à imprensa, preparado antecipadamente, dando uma explicação fictícia da assombrosa erupção, foi entregue aos jornalistas em Albuquerque:

Um depósito de munições explodiu hoje cedo numa área afastada dos terrenos da Base Aérea de Alamogordo, produzindo uma rajada e um clarão brilhante que, segundo se informou, foram observados até em Gallup, 378 quilômetros a noroeste.

Os cientistas ficaram aterrados com o seu triunfo. "A prova teve um sucesso que ultrapassou nossas esperanças mais otimistas", escreveu o General Groves em um memorando confidencial, que foi levado por um estafeta aéreo ao Secretário Stimson, em Potsdam. A bomba gerara uma energia que se calculou igual à de 20.000 toneladas de TNT.

Angustiosa Decisão

A DECISÃO de efetivamente lançar bombas atômicas no Japão foi tomada com grande relutância após meses de exame íntimo. Desde o princípio alguns cientistas haviam esperado que as pesquisas do Projeto Manhattan resultassem inúteis, e quando, não obstante, a bomba A foi produzida, muitos deles escreveram memorandos arrebatados e enviaram petições solicitando que ela não fosse usada.

MELHORAL INFANTIL



TRANQUILIDADE e BEM ESTAR...

- corta as dores
- combate o resfriado e a gripe
- baixa a febre

FÓRMULA ESPECIAL

Meticulosamente elaborado, Melhoral Infantil tem o tamanho e a dosagem exata para a idade de seu filhinho.

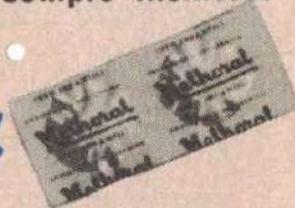
SABOR DELICIOSO

Levemente adocicado, bem ao gosto das crianças, Melhoral Infantil pode ser dado com água, leite, e até misturado com a comida.

Compre o melhor ... Compre Melhoral

Melhoral

(Uso Infantil)



Entre os chefes militares, o Almirante William D. Leahy não procurou esconder sua repugnância com relação à bomba, e o Contra-Almirante Lewis L. Strauss e o General Hap Arnold, Comandante da Força Aérea do Exército dos Estados Unidos, ambos manifestaram suas veementes restrições sobre o uso da bomba. O General Dwight D. Eisenhower, informado do assunto em Potsdam, esperava que a bomba não tivesse de ser empregada contra o Japão; êle detestaria que os Estados Unidos fôsem os primeiros a usarem uma arma com tamanho potencial de morte e destruição.

A maioria dos líderes militares, entretanto, achava que a nova bomba não levantava nenhuma questão ética diferente das relacionadas com o TNT e a bomba incendiária. O bombardeio em massa de civis tornara-se lugar-comum na Segunda Guerra Mundial. (Na noite de 9 de março, por exemplo, 42 quilômetros quadrados de Tóquio haviam sido prêsas das chamas ateadas por bombas incendiárias, tendo morrido 78.000 pessoas.)

Pouco depois da morte do Presidente Roosevelt, em abril de 1945, Stimson insistiu com o novo Chefe de Estado, Harry Truman, para que nomeasse uma comissão de política atômica. Truman concordou e pediu a Stimson que tocasse para a frente. A Comissão Provisória, conforme foi denominada, consistia em oito homens, dispondo de um corpo de quatro conselheiros científicos. Reuniu-

se em 31 de maio, na Cidade de Washington. A maioria das deliberações da comissão dizia respeito ao contrôle e ao futuro da energia atômica no pós-guerra, mas o problema do emprêgo da bomba contra o Japão também foi enèrgicamente discutido.

Um cientista sugeriu que se demonstrasse a bomba perante observadores estrangeiros, assim persuadindo os chefes militares japonêses a se renderem. Mas quanto mais a comissão examinava essa linha de ação mais perguntas surgiam. E se a bomba falhasse? E se os japonêses se recusassem a enviar representantes? Se os japonêses se recusassem a desistir da luta após a demonstração, não seriam maiores as probabilidades de o bombardeiro atômico ser abatido?

Outro alvitre apresentado foi o de alertar os japonêses explicitamente sobre a natureza mortífera da nova bomba e depois lançá-la apenas se a rendição não se efetivasse dentro de um número determinado de dias. Mas se, diante disso, os japonêses reagissem transferindo prisioneiros de guerra aliados para áreas vitais e depois desafiassem os Estados Unidos a soltar a bomba? Mesmo que isto não ocorresse, não se perderia totalmente o efeito do choque e não seriam enviados aviões de caça para interceptar a missão atômica?

Por fim, tôdas as perguntas se resumiram em uma: teria a bomba atômica uma boa probabilidade de

acabar a guerra? A resposta parecia ser afirmativa; mas pediu-se aos quatro conselheiros científicos que estudassem a mínima possibilidade de conseguir-se algum tipo de demonstração que tornasse desnecessária a programada invasão do Japão, poupando assim vidas americanas e japonesas. Após duas semanas de estudos, a resposta foi negativa: "Não vemos alternativa para o emprêgo militar direto."

O relatório da comissão apresentado à Casa Branca recomendava que a bomba fôsse lançada no Japão o mais breve possível, sem advertência específica. Truman já tinha chegado, por sua conta, à mesma conclusão, e então assentou-se definitivamente que a bomba seria usada contra os japoneses, a menos que êstes se rendessem antes.

Para causar o máximo possível de impressão, determinou-se fazer explodir a arma atômica sôbre uma cidade até então relativamente inatingida pelos bombardeios. Nessa altura restavam poucas cidades nessas condições no Japão, e a lista apresentada para exame continha apenas quatro nomes: Quioto, Kokura, Niigata e Hiroxima—Nagasáqui foi acrescentada no último instante.

Por fim, a lista das primeiras cidades-alvos acabou reduzida a uma só. A 2 de agosto foi emitida em Guam uma ordem de combate ultra-secreta, declarando que a bomba deveria ser lançada em 6 de agosto. Primeiro: *a área industrial urbana de Hiroxima.*

Como Era a Cidade

HIROXIMA era conhecida em todo o Japão como um lugar onde cresciam salgueiros excepcionalmente belos. Êsse grande pôrto e cidade fabril, então marcado para morrer, em três anos e meio de guerra só sentira a concussão de 12 bombas inimigas. Não obstante, os habitantes da cidade sabiam muito bem que a guerra ia mal. Tinham perfeita consciência disso tôda vez que se sentavam à mesa para comer, todo dia que iam para o trabalho, tôda vez que caminhavam pelas ruas da cidade.

Ao longo do cais, de onde partiram quase todos os soldados nipônicos que foram para a área de combate do Sudoeste do Pacífico, pairava um silêncio mortal sôbre as vastas instalações de embarque. O *Gaisenkan*, "Vestíbulo do Regresso Triunfal", em que os soldados haviam escutado as últimas instruções e exortações, estava silencioso e vazio. A cidade, que em anos anteriores contivera até 100.000 homens em trânsito para a frente de combate, nessa época só continha uma divisão, e esta preparava-se para a defesa, não para o ataque. Incluindo tropas dos serviços, havia cêrca de 24.000 soldados em Hiroxima. A baía outrora cheia de atividade estava quase morta. Os aviões norte-americanos haviam lançado tantas minas nas águas do Mar Interior que não chegavam mais navios a Hiroxima. Não havia mais comemo-

rações cívicas do gênero que marcou a grandiosa despedida do “Sempre Vitorioso Quinto Exército” em 1942. Quando êle partira para o sul, a fim de capturar Cingapura, milhares de cidadãos de Hiroxima se haviam alinhado nas docas e molhes do pôrto para bradar “*Banzai!*”

Obedecendo a ordens militares, os próprios cidadãos de Hiroxima fizeram o que os norte-americanos não haviam feito—destruíram grandes trechos de sua cidade. Quase 70.000 residências foram demolidas para abrir três amplos aceiros. Por isso, mais de 90.000 pessoas, da população máxima de 380.000 habitantes em tempo de guerra, tinham recebido ordem de partir em cinco evacuações em massa.

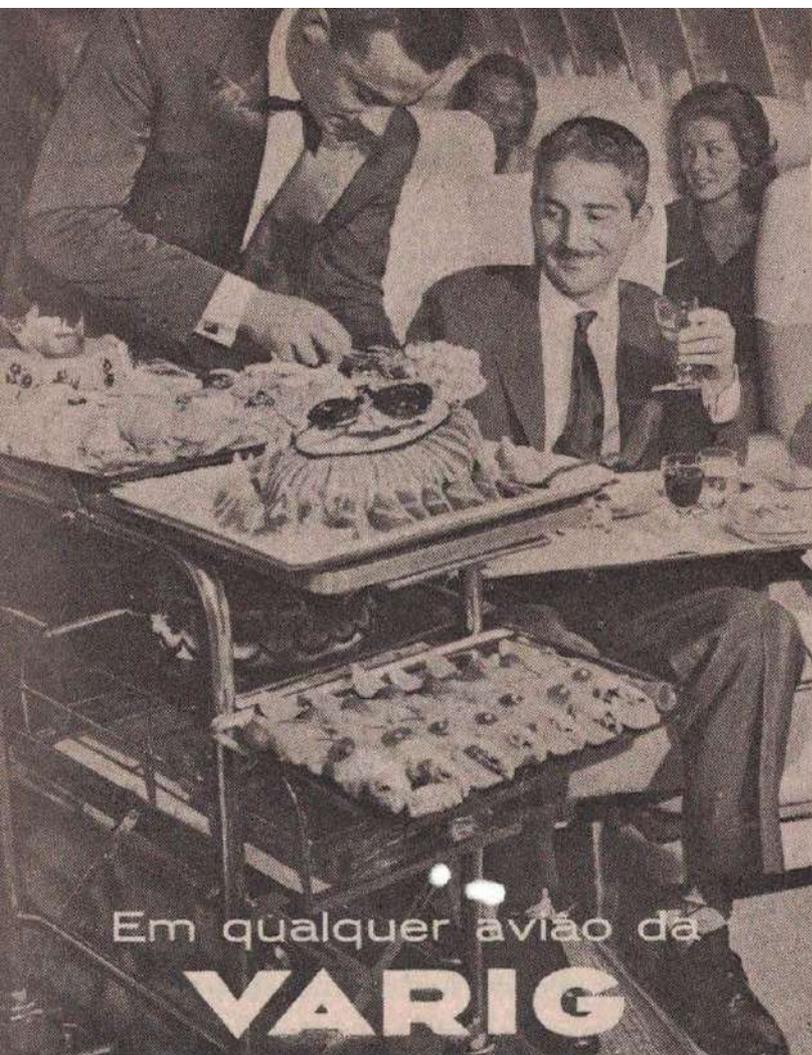
A gente que ficara em Hiroxima estava ocupada. Milhares haviam sido mobilizados em “associações de bairro” para derrubar casas—às vezes a própria—no programa de combate a incêndios. As fábricas, armazéns e pátios ferroviários de Hiroxima trabalhavam àrduamente para fornecer suprimentos e equipamento para um exército que em breve teria de enfrentar uma tremenda investida americana em sua própria terra. Mas sua atividade mascarava uma desesperança militar e econômica que era dolorosamente aparente para os planejadores dos escalões superiores, se não para o homem da rua.

O cidadão médio de Hiroxima talvez soubesse apenas que sua ração de arroz era menor, ou que o empório da esquina fechara as por-

tas porque tinha pouco para vender. Mas o gabinete nipônico sabia mais. Um estudo oficial feito em junho predissera que as necessidades mínimas de arroz para sustentar a população numa estrita base de sobrevivência ultrapassaria de 14 milhões de toneladas as disponibilidades em 1945. O Ministério também sabia que as fôrças armadas careciam desesperadamente de combustível havia quase um ano. Já no início do outono de 1944 a Marinha estava em tamanha abertura que alguns dos navios perdidos nas batalhas do Mar das Filipinas não teriam sido capazes de retornar a suas bases ainda que tivessem escapado às bombas e aos torpedos norte-americanos.

O Exército Japonês estava fazendo estojos para granadas com metal de uma côr cinza baça, na falta do latão que acabara. Certas unidades militares regulares estavam recebendo lanças de bambu. Êsse era também o principal armamento do Corpo Combatente de Voluntários Nacionais, uma espécie de guarda territorial de última linha, para a qual em breve seriam mobilizados todos os civis do Japão, homens e meninos.

Cada palmo do litoral estava sendo preparado para a defesa; mas na maior parte dos casos isso significava unicamente arame farpado (havia pouco cimento para fortificações), metralhadoras (quase não se dispunha de peças de artilharia) e grutas nos morros (era evidente que não seria possível afastar os norte-americanos das praias). A Marinha Japo-



Em qualquer avião da
VARIG

de acôrdo com a linha, o vôo e o horário, Você saboreia as refeições preparadas na hora exata pelas cozinhas próprias que a empresa mantém ao longo de tôdas suas rotas.



nêsa, não só com falta de combustível, mas também dizimada pelos canhões e bombas americanos, adotara finalmente a tática dos *kami-kaze* da fôrça aérea. Em julho, 700 embarcações de pequeno porte, carregadas de explosivos e destinadas a viagens só de ida, estavam sendo preparadas em portos do Japão meridional para o inevitável dia em que a esquadra de invasão dos Estados Unidos aparecesse no horizonte.

O DIA 6 de agôsto de 1945 em Hiroxima foi pouco diferente de outras segundas-feiras daquele ano de escassez, derrota, evacuação e trabalho forçado. As mulheres em quase tôdas as casas estavam preparando o desjejum nos fogareiros de carvão que faziam as vêzes de aquecedores também. As equipes de trabalhadores estavam-se reunindo ou iniciando seus afazeres. Entre êles havia vários de fora da cidade, grupos enviados para Hiroxima a fim de acelerarem o trabalho de demolição e prevenção de incêndios.

Ocupadas em suas diversas tarefas matutinas, a maioria das pessoas de Hiroxima deu pouca atenção ao alerta aéreo que souu nove minutos depois das sete. As que olharam para cima ao ouvirem o débil ronco de motores, se tinham boa vista perceberam um único B-29 voando muito alto. Provavelmente era um avião de sondagem meteorológica do tipo que amiúde sobrevoava a cidade na parte da manhã. Êle atravessou a cidade duas vêzes e, a seguir, às 7h e

25m afastou-se em direção ao mar. O sistema de alarma deu o sinal de fim de alerta às 7h e 31m.

Missão de Bombardeio Especial N.º 13

AQUÊLE B-29 era em realidade um avião de informações meteorológicas. Tinha o nome de *Straight Flush*. A ordem que resultou em sua ida a Hiroxima fôra denominada Missão de Bombardeio Especial N.º 13. Sete dos 15 B-29 de Tibbets haviam sido escalados para aquela missão.

A 4 de agosto, as sete tripulações foram convocadas para uma reunião na sala de instruções, e o Capitão-de-Mar-e-Guerra William Parsons, que deveria armar a bomba atômica, exibiu filmes da prova atômica levada a efeito em Alamogordo. Após contemplarem a arrepiante e pavorosa majestade do espetáculo, todos entenderam por que os pilotos haviam treinado curvas súbitas e abruptas a grande altitude. Parsons também preveniu os pilotos de que não deviam voar através da nuvem em forma de cogumelo, devido ao perigo da radioatividade. Declarou com toda a franqueza que ninguém podia ter certeza do que iria suceder: mesmo explodindo na altura planejada de 565 metros, a bomba podia fender a crosta da Terra.

O dia seguinte, 5 de agosto, era um domingo, quente e ensolarado. Por toda a Ilha Tinian os homens baixaram a cabeça em reverência a Deus. As ocupações bélicas, porém, não pararam por muito tempo para



Seleções assegura vida mais longa para o seu anúncio!

Sim. Porque Seleções é uma revista que se coleciona, cuja leitura se renova, e os próprios leitores afirmam não existir o que se poderia chamar "um número antigo de Seleções". O interesse da matéria editorial de Seleções se transmite aos anúncios. É por isso que eles têm uma vida mais longa e mais ativa do que em qualquer outra revista. São inúmeros os anunciantes que continuam recebendo, anos após a publicação, consultas e cupons resultantes de seus anúncios em Seleções.

Seleções do Reader's Digest

RIO: Praça Pio X, 98 - 11.º andar; tel.: 23-8519
S. PAULO: Av. Cásper Líbero, 58 - 14.º and.; tel.: 33-1135

as devoções. No abrigo de montagem de bombas do 509.º, físicos, pessoal do material bélico e da Polícia do Exército, agentes do serviço de segurança e oficiais graduados do Corpo Aéreo reuniram-se para espreitar respeitosamente a bomba A pendente de sua corrente de içamento.

Tendo cêrca de 4,25 m de comprimento por 1,50 m de diâmetro, a bomba pesava pouco menos de 4.535 quilos. O núcleo físsil era menos de meio por cento dêste pêso, e estava metido bem para o interior, conforme Oppenheimer certa vez comentara: "como um pequeno diamante em um enorme chumaço de algodão". Uma espoleta de proximidade seria ajustada para detonar a 565 metros. Quando o projétil em queda livre chegasse a essa altitude, a espoleta acionaria uma carga explosiva que arremessaria um pequeno pedaço do U-235 para a frente, à velocidade de 1.500 metros por segundo, até colidir com um pedaço maior do U-235, em forma de concha, colocado na ogiva. Nesse instante, ocorreria a explosão atômica.

Dois mensageiros especiais haviam levado para Tinian aquêlê alvo vital, em forma de concha, em um cilindro de chumbo de uns 45 cm de diâmetro por 60 cm de altura. Suas ordens tinham sido explícitas: em hipótese alguma deveriam colocar suas vidas a salvo antes do U-235. Se o navio afundasse—era o cruzador pesado *Indianápolis*—caberia ao U-235 a primeira lancha ou barco

salva-vidas. De São Francisco o navio zarpara a todo o vapor para Tinian, detendo-se apenas algumas horas em Pearl Harbor para reabastecimento, e entregara o U-235 na ilha a 26 de julho. (Quatro dias mais tarde, o malfadado *Indianápolis* foi torpedeado e afundado.)

Três pedaços menores do U-235 haviam sido igualmente remetidos via aérea para Tinian, cada um em avião diferente e acompanhado por um agente do serviço de segurança do Projeto Manhattan.

Por volta de meia-noite, o capelão do 509.º fez uma rápida prece pelo êxito da missão. Em seguida, as sete tripulações tomaram seu desjejum e à 1h e 37m da madrugada os três aviões meteorológicos decolaram para Hiroxima, Kokura e Nagasáqui, respectivamente. (Se Hiroxima estivesse encoberta, as outras duas cidades seriam os alvos alternativos.)

Pouco mais de uma hora depois—eram 2h e 45m da madrugada de 6 de agosto—o avião de Tibbets, pesadamente carregado, o *Enola Gay* (assim batizado em homenagem à mãe do piloto), rolou ao longo da pista de coral, deixando o solo com folga de poucos metros. Foi seguido, com intervalos de dois minutos, por dois outros B-29—um para medir a rajada e a radiação, outro para tirar fotografias. Um terceiro, que ficaria de alerta para receber a bomba em Iwo Jima e prosseguir, no caso do *Gay* entrar em pane, partira mais cedo. A Missão de Bombardeio Especial N.º 13 estava a caminho.

Vôo Decisivo

AO ELEVAR-SE sôbre o Pacífico com violento impulso ascensional, o *Enola Gay* estremeceu com o esforço. A tripulação respirou melhor depois que Tibbets ganhou altura suficiente para fazer uma curva para a esquerda e procurar a leitura do compasso para Iwo Jima, 1.000 quilômetros ao norte.

A 1.200 metros, Tibbets colocou o manete em velocidade de cruzeiro. Parsons esvaziou o cachimbo apagado, baixou para o compartimento anterior das bombas e iniciou o acabamento da montagem final. Isso tomou-lhe, ao todo, apenas 25 minutos.

À parte seu caráter nuclear revolucionário, a arma, então completamente armada e pronta para funcionar, era um labirinto de engenho eletrônico. Quando fôsse largada, uma série de intrincados cronômetros ficaria desligada durante os primeiros segundos, de modo que o dispositivo não pudesse de forma alguma detonar durante êsse intervalo. Outro conjunto de instrumentos impediria a bomba de explodir acima de 3.000 metros. Após 15 segundos de queda, indicadores barométricos alertariam as espoletas de radioproximidade, ajustadas para provocar a explosão a 565 metros. Havia quatro dessas espoletas, das quais pelo menos duas teriam de estar de acôrdo na altitude exata para que se pudesse dar a explosão. Todos êsses dispositivos tinham de funcionar

dentro dos 43 segundos calculados entre o momento de largada da bomba e o instante da explosão.

Para garantia contra falhas mecânicas, uma "caixa preta" a bordo do avião controlava os circuitos elétricos da bomba. Era verificada de meia em meia hora durante o vôo, e todos os instrumentos de seu painel tinham de apresentar as indicações corretas, pois do contrário a bomba teria de ser levada de volta para Tinian sem ser lançada.

Às 4h e 55m, bem depois de clarear o dia, o *Enola Gay* encontrou-se sôbre Iwo Jima com os outros dois B-29 que deveriam acompanhá-lo. Depois, numa formação em V bem aberta, mantendo o rádio em rigoroso silêncio, os três B-29 dirigiram-se para noroeste, em direção à ilha japonesa de Sicoc.

Por fim Tibbets chamou todo o pessoal pelo interfone. Doravante, falou, todos os homens deveriam conservar-se em suas posições. E, quando atingissem a costa do Japão, tôda a conversa pelo interfone seria gravada.

—Isto é para ir para a História— disse Tibbets.—Portanto, cuidado com a linguagem. Estamos transportando a primeira bomba atômica.

Essa era a primeira vez que a maioria dos tripulantes ouvia êsse nome.

Às 7h e 9m, muito adiante dêles, o *Straight Flush* acercava-se dos arredores de Hiroxima. Um colchão de nuvens contínuo cobria o Japão até aonde a vista podia alcançar. Minu-

ESCÔVA

Tek

É A ÚNICA

* anti—
germe!



tos depois, entretanto, abriu-se uma visão de tãda a cidade. No ponto em que o *Enola Gay* deveria despejar sua carga, a cidade estava tão clara lá embaixo que a tripulação podia ver trechos de gramado. Uma abertura de 15 quilômetros em uma massa de nuvens que, não fôsse isso, seria contínua, marcava Hiroxima como se o destino houvesse enterrado um cravo no coração da cidade.

Às 7h e 25m, o *Straight Flush* transmitiu pelo rádio seu informe, concluindo assim: "Conselho: Bombardear alvo primário." Quando Tibbets acabou de decifrar a mensagem virou-se para o navegador.

—É Hiroxima—disse.

Às 7h e 50m, o *Enola Gay* passou por cima da Ilha de Sicoc. Os tripu-

lantes enfiaram suas roupas de proteção contra o fogo antiaéreo. O painel do monitor mostrava que todos os circuitos elétricos da bomba estavam em ordem, sem indícios de interferência eletrônica dos japoneses.

Às 8h e 9m, através de uma abertura nas nuvens avistaram-se os contornos de Hiroxima.

—Vamos iniciar a corrida para o bombardeio—avisou Tibbets pelo interfone.—Quando ouvirem o sinal da cigarra, coloquem os óculos até passar o clarão.

Todos os membros da equipagem tinham óculos especialmente fabricados, nos quais cristais de quinino só deixavam passar uma cõr, o roxo, através das lentes.

Enquanto o *Enola Gay* voava no

rumo oeste a 9.530 metros, Hiroxima descobriu-se claramente sob o avião. Através do visor de bombardeio ela revelou-se um quadro familiar ao bombardeador, o Major Tom Ferebee. Dir-se-ia o mesmo alvo fotografado que êle estudara uma dezena de vêzes. O ponto de visada, o centro de uma ponte principal sôbre o braço mais largo do Rio Ota, avançou para o cruzamento dos retículos.

—Peguei-o—disse Ferebee, e acionou a sincronização automática para o minuto final da corrida para o bombardeio.

Quarenta e cinco segundos depois ligou o sinal de cigarra do rádio, o que significava que dentro de 15 segundos seria largada a bomba.

Às 8h e 15m, mais 17 segundos, abriram-se de supetão as portas do compartimento de bombas e o avião deu uma guinada para cima, tendo ficado de repente 4.500 quilos mais leve. As cabeças de todos os que estavam a bordo foram violentamente sacudidas. Tibbets dirigiu o avião para a direita com uma inclinação de 60° e entrou numa curva apertada de 158°. A fuselagem guinchou com a violência da manobra.

Instruindo apressadamente Bob Caron, o metralhador da cauda, para dizer a todos o que visse, Tibbets começou a contar mentalmente os 43 segundos. Cada momento lhe parecia interminável.

—Não vê nada ainda?—perguntou Tibbets a Caron, depois de se

* CERDAS QUÌMICAMENTE TRATADAS,
IMPEDEM O DESENVOLVIMENTO
DE MICRÓBIOS APÓS CADA
USO E DURANTE A VIDA
NORMAL DA ESCÔVA

5 tipos:

MACIA, MÉDIA, DURA,
PROFISSIONAL,
JÚNIOR

Tek

LIMPA MELHOR! DURA MAIS!

Johnson & Johnson

— O NOME QUE GARANTE QUALIDADE!

terem passado uns 35 segundos.

—Não, senhor.

O Primeiro-Tenente Morris R. Jeppson, encarregado do painel que servira para controlar os circuitos da bomba, iniciara sua própria contagem e estava chegando agora ao fim: 40 . . . 41 . . . 42 . . . Jeppson parou de contar. Passou-lhe pela mente um pensamento: “Falhou!”

Nesse instante, o mundo ficou súbitamente roxo ante os olhos de Bob Caron. Suas pálpebras fecharam-se instintivamente por trás dos óculos. “Devo ter ficado cego”, pensou, embora quando êle olhara diretamente para o Sol através dos óculos, um instante antes, só o tivesse visto vagamente. Ficou estupefato demais a princípio para falar no interfone.

Caron estava olhando para uma explosão que, numa fração de tempo demasiado pequena para ser avaliada por qualquer cronômetro, se transformara em uma bola de fogo de 550 metros de diâmetro, cujo centro alcançava a temperatura aproximada de 55 milhões de graus centígrados.

Hiroxima já não existia.

Anatomia do Desastre

Ao soar o sinal de fim de alerta em Hiroxima, às 7h e 31m de 6 de agosto, pouco se alterara o ritmo da vida da cidade. A maioria das pessoas estava demasiado ocupada ou com muita preguiça para prestar qualquer atenção ao alerta. O afastamento do único B-29, voando a

grande altitude—o avião meteorológico—não provocara mais rebuliço do que sua chegada sobre a cidade 22 minutos antes.

Às 8h e 15m as poucas pessoas de Hiroxima que avistaram outra pequena formação de aviões notaram que três pára-quedas se abriam depois de saírem de um dos aparelhos. Tinham sido lançados do avião encarregado de medir a rajada e a radiação; sustentavam instrumentos para transmitir pelo rádio aquelas medições. Vendo os pára-quedas, algumas pessoas deram vivas, imaginando que os aviões inimigos estivessem em dificuldade e que as tripulações estivessem saltando.

Durante uns 45 segundos não houve mais nada no céu claro sobre a cidade além dos pára-quedas. Súbitamente, sem um som, não existia mais céu sobre Hiroxima.

PARA OS que sobreviveram, a recordação do primeiro instante da explosão atômica sobre Hiroxima é de pura luz, ofuscante e intensa, mas de assustadora beleza e variedade. Uma testemunha descreveu um clarão que passou de branco a côr-de-rosa e depois a azul, à medida que se elevava e expandia. Outras tiveram a impressão de ver “cinco ou seis côres brilhantes”. Alguns viram unicamente “relâmpagos dourados” numa luz branca que lhes lembrava—esta talvez tenha sido a descrição mais generalizada—uma imensa lâmpada de instantâneos fotográficos explodindo em cima da cidade.

A única impressão foi visual. Se houve som, ninguém o ouviu. Milhares nada viram tampouco. Foram incinerados, no local onde estavam, sob o calor que converteu o centro de Hiroxima em gigantesco forno. Milhares de outros sobreviveram talvez um ou dois segundos, sendo despedaçados pelos estilhaços das vidraças que foram arremessados para todos os lados ou esmagados sob paredes, tijolos ou outros objetos que se achavam no caminho da explosão.

Diversos fatores contribuíram para produzir mais devastação do que fôra predita pelos peritos nucleares. Primeiramente, a precisão de lançamento: a pontaria do Major Ferebee fôra quase perfeita. A despeito do fato de ter sido largada de uma aeronave em vôo veloz, mais de cinco quilômetros para leste e quase a dez quilômetros de altura, a bomba detonou pouco mais de 180 metros à direita do ponto designado como alvo.

Depois, a hora da hecatombe. Por tôda a Hiroxima, milhares de braseros estavam cheios de tições ardendo para fazer a refeição matinal. Quase todos os fogareiros, derrubados pelas tremendas ondas de ar, se transformaram em tochas que incendiaram as casas de madeira e papel. Oppenheimer presumira que a maior parte da população estaria em abrigos antiaéreos e calculava umas 20.000 baixas. Não tinha havido um alerta específico, entretanto—pequenas formações haviam sobrevoado a cidade muitas vêzes sem lançar bombas—e a maioria das pes-

soas estava a caminho dos locais de trabalho. Por isso, houve mais de 70.000 baixas.

A faísca inicial gerou uma série de calamidades.

Primeiro foi o calor. Durou apenas um instante, mas foi tão intenso que derreteu telhas, fundiu os cristais de quartzo nos blocos de granito, carbonizou as faces expostas de postes telefônicos numa extensão de quase três quilômetros, e destruiu tão completamente os seres humanos que estavam perto que nada restou dêles senão o contôrno de suas sombras impresso a fogo nos pavimentos de asfalto ou em muros de pedra.

A 15 quilômetros da cidade, o prefeito de Kabe sentiu nitidamente o calor no rosto quando se achava no jardim de sua casa. A quatro quilômetros do Ponto Zero o calor ainda queimava a pele. A dois quilômetros e meio as ondas de calor queimaram completamente as letras pretas de uma fôlha de papel branco. Centenas de mulheres tiveram as peças escuras de seu vestuário queimadas, enquanto as mais claras permaneciam inalteradas, deixando-lhes a pele embaixo nitidamente marcada com os desenhos minuciosos dos estampados de seus quimonos.

Após o calor, veio a rajada, brotando da bola de fogo para fora com o ímpeto de um vento de 800 quilômetros por hora. Sòmente objetos que apresentavam um mínimo de resistência superficial—corrimões de pontes, canos, postes das emprêsas de serviços públicos—agüentaram a

Faça o seu dinheiro trabalhar por Você!

COMO V. aplica as suas economias que garantirão o seu futuro? Em imóveis? Ações de companhias? Empréstando a juros?

Sejam quais forem suas preferências, há um tipo de aplicação que lhe proporcionará o máximo de segurança e rendimento, com um mínimo de preocupação e trabalho.

Crescinco é o maior fundo de investimentos da América Latina — reunindo os capitais de milhares de inversores. Quem investiu no Fundo Crescinco há pouco mais de três anos, duplicou, pelos rendimentos distribuídos e pela valorização acumulada, o valor inicial do seu investimento líquido.

Além disso, Crescinco oferece liquidez imediata, podendo o inversor resgatar sua inversão a qualquer momento, recebendo sem demora o valor de suas cotas pela cotação do dia.

V. também pode aplicar as vantagens oferecidas pelo Fundo Crescinco às suas economias, protegendo o poder aquisitivo do seu patrimônio e assegurando o seu futuro. Preencha o cupom abaixo e, sem o menor compromisso, V. receberá todas as informações sobre como o Fundo Crescinco pode beneficiar o seu dinheiro.

FUNDO CRESCINCO

Depto. A: Caixa Postal 8245

São Paulo — Brasil

Peço enviar-me, sem compromisso, todas as informações sobre o Fundo Crescinco

Nome _____

Rua _____

Cidade _____ Est. _____

Cx. P. _____



sua fôrça. As paredes de alguns edifícios de escritório, que haviam sido especialmente construídos para resistir a terremotos, continuaram de pé. Dentro delas, porém, só havia ruínas, pois os tetos caíram ao chão, arrastando consigo tudo o mais.

A rajada arrebentou os encanamentos de água em toda parte, de modo que os bombeiros sobreviventes—dois terços deles encontravam-se entre as primeiras baixas—ficaram impotentes para fazer face aos milhares de incêndios que surgiram dentro de alguns segundos. Combinados, a rajada e o fogo destruíram todos os prédios, sem exceção, numa área de quase 13 quilômetros quadrados.

Depois do calor, da rajada e do fogo, o povo de Hiroxima teve de enfrentar outros tormentos. Poucos minutos após a explosão, começou a cair uma chuva estranha. As gôtas de água eram do tamanho de bolas de gude . . . e eram pretas. Esse fenômeno aterrador decorreu da vaporização da umidade da bola de fogo e da condensação na nuvem que ela produziu. Não houve bastante dessa “chuva negra” para apagar os incêndios, mas o suficiente para agravar o pânico do povo já fora de si pelo que lhe sucedera.

Em seguida à chuva veio o vento, o grande “vento de fogo”, que soprou de volta para o centro da catástrofe, aumentando sua fôrça à medida que o ar sobre Hiroxima ficava mais quente devido aos grandes incêndios. O vento foi tão forte que desarraigou árvores imensas nos par-

ques onde se reuniam os sobreviventes. Levantou vagalhões nos rios e afogou muitos que se haviam metido dentro da água para escapar ao calor e às chamas.

“Deus Meu, que Fizemos?”

TIBBETS fôra prevenido de que uma onda de choque provavelmente atingiria o avião cêrca de um minuto após a detonação da bomba. Antecipando-se a isto, fêz cabrar o avião para ganhar altitude e perder velocidade—manobra que os peritos em aerodinâmica calculavam que diminuiria o impacto.

Postado na tôrre de ré, Bob Caron de repente viu uma linha tremeluzente correndo em direção ao avião. Assemelhava-se à onda de calor vista de longe no asfalto de uma estrada, mas prolongava-se numa curva longa como um círculo produzido por uma pedra atirada na água. Era visível porque a forte compressão do ar era seguida por um vácuo em que o vapor se condensava instantâneamente, formando uma rápida cinta de nevoeiro. A onda de choque avançava para o avião com a velocidade de 19 quilômetros por minuto. Embora sua fôrça provável tivesse sido salientada nas instruções dadas à tripulação, sua violência real estarreceu a todos.

—Fogo antiaéreo!—gritou Tibbets involuntariamente ao sentir o impacto.

Parsons sentiu reação semelhante: dava a impressão de uma imensa gra-

**MELHOR
ESPUMA**

**MELHOR
BARBA!**

CREME DE BARBEAR
PALMOLIVE multiplica-
-se 250 vezes na espuma
leve e molhada que vo-
cê precisa para fazer a
barba mais confortável e
mais gostosa de sua vida!
Contendo Azeite de Oliva,
CREME DE BARBEAR
PALMOLIVE amacia me-
lhor sua barba e não res-
seca a pele!

Creme de barbear MENTOLADO

PALMOLIVE

FIQUE BEM BARBEADO O DIA INTEIRO:
USE CREME DE BARBEAR PALMOLIVE

nada antiaérea explodindo a uns dois metros do avião.

—Aí vem outra—avisou Caron pelo interfone, de sua posição mais vantajosa na pôpa.

Como reflexo da rajada do solo, essa segunda onda de choque atingiu-os; depois, passou o perigo. Em formação com os dois aviões de acompanhamento, o *Enola Gay* voou então para o sul ao longo dos arredores de Hiroxima, e pela primeira vez os tripulantes observaram o que tinham causado.

De tôda a cidade se elevava poeira remoinhante e compridos rolos de fumaça cinzenta precipitavam-se para o centro. Uma coluna de fumaça branca, incrivelmente perfeita, erguia-se verticalmente. Na base era pintalgada de vermelho e laranja e o tôpo abria-se na forma exata de um cogumelo. A haste da estranha nuvem em forma de flor lembrou a um dos homens uma enorme laje tumular. Dentro de minutos a nuvem-cogumelo subiu a mais de seis quilômetros de altura.

Um conflito de emoções perturbava os espíritos dos aviadores sôbre a cidade arruinada. Alguns estavam exultantes pelo fato de a bomba ter funcionado, e esperavam que ela acabasse com a guerra. Outros debatiam-se entre o orgulho e a consternação. Outros simplesmente não conseguiam ligar à realidade o que os seus olhos viam.

O Capitão Robert A. Lewis, copilôto de Tibbets, foi um dos primeiros a falar.

—Deus meu—disse êle—que fizemos?

Tibbets mandou que fôsse transmitida uma mensagem pelo rádio, em linguagem clara, notificando Tinian de que o *Enola Gay* bombardeara visualmente seu alvo principal com bons resultados. Não tinham sido perturbados por caças nem por fogo antiaéreo. A seguir, enquanto se preparavam para o longo vôo de regresso a Tinian, foi redigido o relatório em linguagem cifrada: “Preciso, bem sucedido sob todos os aspectos. Efeito visível superior ao de Trinity [a experiência no Nôvo México].”

Conseqüências no Japão

INSTANTES depois das 8h e 16m da manhã, o operador de contrôle da Corporação Radiodifusora Japonesa, em Tóquio, notou que sua linha telefônica para a estação de rádio de Hiroxima emudecera. Tentou restabelecer a ligação, mas constatou que não era possível fazer nenhum chamado para a cidade.

Vinte minutos depois os homens do centro de comunicações da estrada de ferro em Tóquio perceberam que a principal linha telegráfica parara de funcionar; o rompimento parecia ter ocorrido logo ao norte de Hiroxima. Começaram a chegar informações de cidades vizinhas de Hiroxima de que parecia ter havido uma explosão qualquer naquela cidade. O pessoal da estrada de ferro encaminhou as mensagens para o Quartel-General do Exército.

Eram quase dez horas quando Ryugen Hosokawa, diretor-gerente do jornal *Asahi* de Tóquio, recebeu um chamado telefônico em casa. Era da redação, avisando que Hiroxima “sumira quase completamente” em consequência do bombardeio de aviões inimigos.

Mais ou menos ao mesmo tempo, o Major Tosaku Hirano, um oficial do Estado-Maior do Segundo Corpo de Exército, achava-se no Quartel-General em Tóquio. Êle chegara de Hiroxima uma semana antes para informar acêrca da situação dos suprimentos militares naquela cidade portuária, e devia voltar de avião no domingo; adiarda a partida, porém, e por isso estava ainda na capital.

Seu telefone tocou então. Era um chamado do Pôsto de Comando Central em Osaca, uma instalação subordinada ao Segundo Corpo de Exército de Hiroxima, comunicando que estavam interrompidas suas ligações com aquela cidade e pontos mais a oeste.

O Quartel-General do Exército, em Tóquio, tentou diversas vêzes entrar em contato com o Centro de Comunicações de Hiroxima, mas debalde. Não havia explicação. A sucessão de informes da rêde de radiodifusão, do centro seletivo da estrada de ferro, da sala de noticiário do *Asahi* e de Osaca indicavam que algo de sério ocorrera, mas ninguém conseguia descobrir o que fôra.

Foi então que, pouco depois de uma hora da tarde, o Quartel-Gener-

al afinal teve notícias do Segundo Corpo de Exército. A mensagem era breve, mas atordoante: “Hiroxima foi aniquilada por uma bomba e os incêndios se estão propagando.” Êsse curto despacho veio do depósito militar de embarque, situado no cais de Hiroxima, fora da área atingida pela rajada.

Continuaram a pingar os relatórios. Pelo meio da tarde, o Exército sabia somente que três aviões inimigos haviam sobrevoado Hiroxima quando a bomba explodiu; soubera que dois dêles não haviam lançado bomba alguma. Os diretores-gerentes dos cinco grandes jornais de Tóquio foram então chamados à sede da Agência de Informações e Divulgação do Govêrno. Um funcionário da imprensa militar dirigiu-se ao grupo:

Cremos que a bomba lançada em Hiroxima é diferente das bombas comuns. Pretendemos divulgar qualquer coisa assim que obtivermos informes adequados. Até então, noticiem o fato num canto escondido de seus jornais como se em nada diferisse de uma incursão aérea normal.

Noutras palavras, fôra impôsto o silêncio. O Exército já alimentava forte suspeita de que a bomba usada em Hiroxima fôsse uma arma atômica. (O serviço naval de informações japonês noticiara os estudos sôbre a bomba em fins de 1944, destacando o interêsse do Govêrno dos Estados Unidos em comprar

todo o minério de urânio disponível.) O Exército, todavia, ansioso por manter a guerra até chegar a uma batalha final corpo a corpo com os norte-americanos em solo japonês, estava resolvido a ocultar a notícia do povo japonês o maior tempo possível.

Entretanto, a verdade sobre Hiroxima logo seria desvendada. No distrito de Saitama, nos arredores de Tóquio, a agência semi-oficial de notícias Domei possuía uma grande estação de recepção, em que quase 50 empregados, muitos deles moças nisei (nascidas nos Estados Unidos de pais japoneses), escutavam as transmissões de rádio norte-americanas. Por volta de uma hora da madrugada, em 7 de agosto (meio-dia de 6 em Washington), Hideo Kinoshita, chefe da sala de escuta, foi despertado pelo rapaz japonês que estava de plantão noturno. O jovem informou que todas as estações norte-americanas estavam irradiando uma declaração do Presidente Truman descrevendo a arma que havia sido lançada em Hiroxima como sendo "uma bomba atômica".

Kinoshita escutou a descrição. Depois chamou apressadamente seu superior imediato, Saiji Hasegawa. Este não tinha a menor idéia do que fosse uma bomba atômica, mas foi correndo para o seu gabinete. Ao ver as transmissões que estavam começando a chegar dos monitores de Saitama, ligou para Hisatsune Sakomizu, secretário-geral do gabinete ministerial.

Sakomizu rapidamente conferenciou com o Primeiro-Ministro Suzuki, com quem vinha lidando no esforço para arranjar um ajuste de pacificação. Eles perceberam imediatamente, disse ele depois:

... que se a declaração era verdadeira, nenhum país poderia prosseguir numa guerra. Sem a bomba atômica, seria impossível para qualquer país defender-se contra uma nação que possuísse tal arma. Chegara a oportunidade de terminar a guerra. Não era necessário pôr a culpa na facção militar, nos industriais, ou em mais ninguém—apenas na bomba atômica. Era um bom pretexto.

O Exército, no entanto, não estava disposto a aceitar essa atitude. Os generais, presentes a uma reunião de emergência do gabinete no dia 7 de agosto, recordaram a propósito uma velha lenda japonesa a respeito de um comandante militar que se tornou alvo de zombarias porque tomou por engano o bater de asas de pássaros em vôo pelo ruído de aproximação do inimigo e fugiu. Alegaram que a bomba não era atômica, mas apenas uma arma convencional gigantesca. Recusaram-se de maneira terminante a aceitar a proposta de Togo, Ministro das Relações Exteriores, para tomar imediatamente em consideração a possibilidade de rendição nas condições do ultimato de Potsdam, e insistiram em manter oculta do povo japonês a declaração de Truman sobre a bomba atômica

TALCO ESPECIAL PARA CRIANÇAS

Suave, macio,
delicadamente perfumado!

Seu bebê precisa de
Talco Johnson para Crianças.
Macio — evita assaduras e
brotoejas. Puríssimo — a suavidade
do Talco Johnson para Crianças
é a mais adequada para a
pele delicada do bebê.
Perfume discreto... delicioso!



Johnson & Johnson

O NOME QUE GARANTE QUALIDADE

até que o Exército pudesse levar a cabo uma investigação local em Hiroxima.

Os militares já haviam iniciado essa verificação. O Major Hirano, oficial de estado-maior do QG de Hiroxima, cujo desejo de passar mais duas noites de folga em Tóquio lhe salvara a vida, procurou Yoshio Nishina, o mais destacado cientista nuclear do país. Contou a Nishina as alegações de Truman e pediu-lhe que o acompanhasse até Hiroxima em um avião de ligação a fim de investigar o assunto. Nishina concordou em fazer a viagem.

Eram quase sete da noite quando o pequeno avião de Hirano desceu em Hiroxima. Ainda havia claridade, entretanto, de modo que êle viu o panorama total com um choque súbito.

Como sou soldado, nessa altura meus olhos já estavam acostumados aos efeitos dos bombardeios. Aquela visão, contudo, foi diferente. *Não havia caminhos nos terrenos ermos que se estendiam sob nossos olhos:* essa foi a minha primeira impressão. No caso de uma incursão aérea normal, depois de terminada ainda se podiam ver as estradas. Em Hiroxima, entretanto, tudo estava arrasado e tôdas as estradas cobertas de detritos.

Quando Hirano desceu do avião, a primeira pessoa que viu foi um oficial-aviador que se adiantou pela pista para ir ao encontro da turma de Tóquio. O rosto dêle estava marca-

do por uma linha pronunciada dividindo-o verticalmente ao meio. Um lado apresentava-se liso e incólume. O outro, o que estivera voltado para o lado da explosão, estava queimado, vesiculoso, enegrecido. Os investigadores seguiram através das ruínas da cidade até ao que restava do QG do Segundo Grupo de Exército. Lá não havia ninguém. Afinal encontraram o que sobrou do QG—alguns oficiais abrigados numa caverna no flanco de um morro. Muito antes de iniciarem seu inquérito oficial na manhã seguinte, os homens de Tóquio já sabiam a verdade. Em realidade Hirano soubera-a no instante em que avistara o que restava de Hiroxima de bordo de seu avião quando circulava sobre a cidade, tal e qual Bob Caron o soubera às 8h e 16m da véspera, quando olhara para trás de bordo do *Enola Gay*.

Nagasáqui

EM WASHINGTON concordou-se em que a notícia sobre o ataque atômico deveria ser imediatamente divulgada. Os correspondentes puseram-se incontinenti a trabalhar no que identificaram como uma das maiores reportagens de todos os tempos.

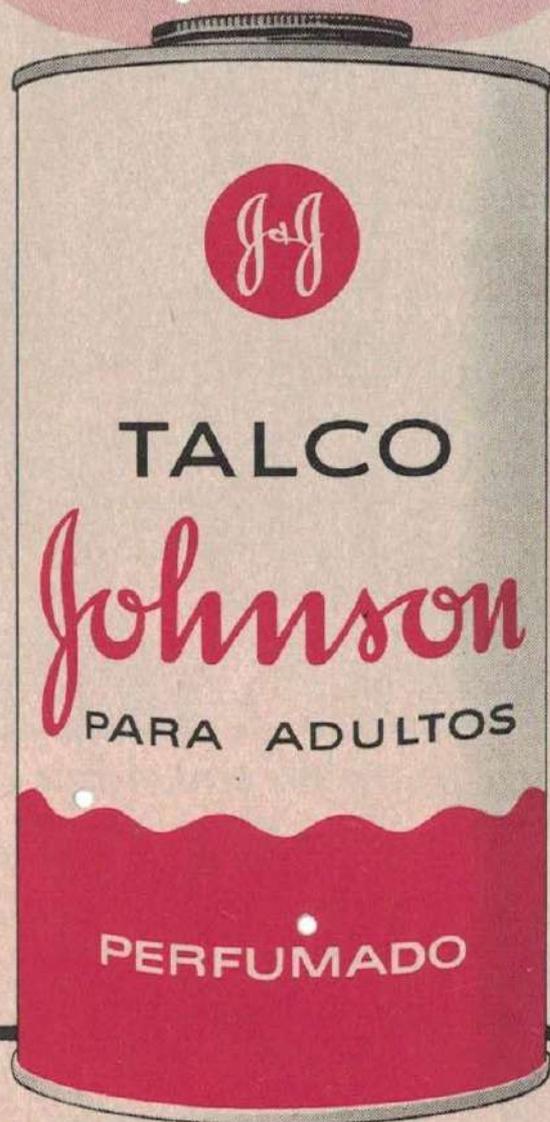
Quando foram dados a público os boletins oficiais sobre a bomba, a notícia assombrou o mundo. Para a maioria, a informação era impossível de entender, mas quase todos os que a ouviram perceberam que era de tremenda importância. O primeiro comunicado oficial partiu da Casa Branca. Após descrever sumà-

Finalmente! Agora também

TALCO ESPECIAL PARA ADULTOS

O mais fino, com
perfume criado em Paris!

Tanto insistiram, que a Johnson & Johnson criou o mais fino talco... com um perfume maravilhoso! Experimente o novo Talco Johnson para adultos. V. nunca mais pensará nos talcos comuns!



Johnson & Johnson

O NOME QUE GARANTE QUALIDADE

Quando êle tomou conhecimento do projeto, já dois bilhões de dólares haviam sido gastos em segredo. Qualquer chefe político que se recusasse a lançar a bomba, observou o General Groves, seria "pôsto no pelourinho" se, posteriormente, vidas norte-americanas fôsem sacrificadas em uma invasão do Japão.

O julgamento de pós-guerra pronunciado pelo Almirante-de-Esquadra Leahy foi acerbo: "O emprêgo desta arma bárbara em Hiroxima e Nagasáqui não foi de qualquer ajuda material em nossa guerra contra o Japão. Os japoneses já estavam derrotados e prontos a se renderem devido ao bloqueio e ao bombardeio com armas convencionais."

O Secretário da Guerra, Stimson, que auxiliara a patrocinar o Projeto Manhattan, nunca vacilou em recomendar o uso da bomba.

"Vejo demasiadas decisões implacáveis e confrangedoras para pretender que a guerra seja algo diferente do que realmente é", disse êle. "A face da guerra é a face da morte; a morte é uma parte inevitável de tôda ordem que um chefe dá em tempo de guerra. A decisão de usar a bomba atômica acarretou a morte de mais de 100.000 japoneses. Ela era, entretanto, a nossa última e abominável alternativa. Ela pôs termo à guerra, acabou com as incursões incendiárias e liquidou o medonho espectro de um choque de grandes exércitos em terra."

Quem estava certo? Truman, que

considerou a bomba como uma arma militar para acabar com a guerra? Ou Leahy, que acreditava ser desnecessário o uso da bomba nesse caso? Ou Stimson, que via a guerra como a própria morte? Poucos dos que sabiam tanto quanto êsses três acêrca da situação em 1945 se considerariam aptos para pronunciar um julgamento definitivo. Os veredictos absolutos vieram de pessoas que sabiam menos e sentiam menos intensamente o pêso da responsabilidade e da autoridade.

O físico Luis Alvarez, que voou com a formação que destruiu Hiroxima, encontrou os cientistas de Los Álamos "quase neuróticos" em sua oposição *post-mortem* ao emprêgo da bomba. Reparou, todavia, que os que haviam transportado a bomba para o Pacífico, e por isso tinham visto pessoalmente as batalhas, pareciam bem menos preocupados do que os outros quanto à moralidade de empregá-la.

Se a ilação moral da bomba era nebulosa, o mesmo não se deu com as deduções militares. Uma das máximas militares favoritas era de há muito "Conquistar terreno elevado", porquanto terreno elevado sempre havia significado vantagem táctica. O General Carl Spaatz, chefe do Comando Aero-Estratégico dos Estados Unidos no Pacífico, após examinar fotografias de Hiroxima, entretanto, comentou:

"A BOMBA ATÔMICA REMOVE TODO O TERRENO ELEVADO."

riamente a natureza e o potencial da arma, o despacho continuava:

Foi para poupar o povo japonês da completa destruição que se enviou o ultimato de Potsdam do dia 26 de julho. Os chefes japoneses rejeitaram imediatamente êsse ultimato. Se não aceitarem nossas condições agora, poderão contar com uma chuva devastadora caindo do céu, diferente de tudo o que já se viu.

Para acelerar a rendição do Império, Washington decidiu desencadear uma campanha de propaganda intensiva, soltando 16 milhões de folhetos sôbre 47 cidades nipônicas. Foi também antecipado para 9 de agosto um segundo ataque atômico programado para 11 de agosto, raciocinando-se que uma seqüência rápida poderia convencer os chefes japoneses de que Hiroxima não fôra uma aberração da natureza.

O segundo vôo com a bomba atômica foi malfadado desde o princípio e, no fim, quase nada deu certo. A bomba era de plutônio, do tipo que fôra detonado no Nôvo México. (A de Hiroxima era de urânio, um tipo que ainda não fôra experimentado.) A arma foi transportada pelo Major Charles W. Sweeney em um avião que não era o dêle. O alvo principal, Kokura, estava tão encoberto pelo mau tempo nas três passagens sôbre a cidade que êle não lobrigou a menor abertura nas nuvens. Quando Sweeney voou para Nagasáqui, o alvo alternativo, tam-

bém a encontrou encoberta. O Comandante Ashworth, o especialista em armamento atômico que estava a bordo do avião, determinou que, se necessário, se fizesse o lançamento por meio do radar, assumindo pessoalmente a responsabilidade por contrariar as ordens de Washington, devido à pouca disponibilidade de combustível. A corrida inteira para o bombardeio foi feita pelo radar, e, embora o bombardeador encontrasse uma abertura no último minuto, errou o alvo com cinco quilômetros de diferença. Ainda assim, foi enorme o estrago causado.

No dia seguinte, o gabinete japonês concordou em enviar uma mensagem, por intermédio da Suíça, aceitando as condições do ultimato de Potsdam, ficando "entendido" que o Imperador permaneceria no poder. Salvo pelas formalidades, a guerra acabara.

A Face da Morte

MESMO então continuou de pé esta pergunta para perturbar as consciências dos homens em tôda parte: fôra direito empregar a bomba?

O Presidente Truman foi incisivo ao aceitar a responsabilidade e ao defender o seu ato. "Ninguém tenha dúvidas a respeito", disse êle. "Considerarei a bomba uma arma militar e nunca tive dúvida alguma de que deveria ser utilizada." Churchill também foi favorável ao seu emprêgo, sem hesitação, caso pudesse ajudar a pôr fim à guerra.

Mas teria Truman alternativa?